

## HERANÇA

Juan Eduardo Tesone,<sup>1</sup> Buenos Aires

jetesone@hotmail.com

Rafael compareceu exatamente à hora combinada com o tabelião. Prolixo, sério, com um nó de gravata largo e centrado como se fosse uma marca no corpo que desse credibilidade ao seu ofício, o tabelião começou a ler em detalhes a ata cuidadosamente preparada para formalizar a sucessão. Vestido com um terno marrom, óculos de aro negro, grossas lentes, ressaltavam o aborrecido de sua burocrática cotidianidade.

Embora a morte de seus pais tenha acontecido há dois anos, somente agora Rafael podia confrontar-se com a formalidade da herança. Muito mais magro, mas com uma barriga incipiente, pelo escuro, tez pálida, notava-se nele um certo nervoso. Calça lisa, sapatos esportivos, camisa cor violeta e um casaco azul informal o agasalhava.

Descontado o passivo das dívidas de uma hipoteca, fica a sua disposição – informa-lhe o tabelião com voz monocórdica – uma casa em um bairro próximo a Pilar, com uma superfície coberta de 120m e um terreno de 27x60m, com caída para um lago artificial, doca e atracadouro para uma embarcação esportiva. Dois terrenos, um a 4km de San Martín de los Andes, com uma casinha de 50 metros quadrados, e outro nessa localidade de Mar de las Pampas a 100m da praia, sem construção, de 230m<sup>2</sup>.

A casa da família na Villa Urquiza já tinha sido vendida, seus pais haviam previsto fazer-lhe doação dessa propriedade sem embaraços, guardando os direitos de usufruto, extinguido com a morte deles. Isso de uma propriedade desembaraçada sempre lhe havia parecido insólito, sobretudo quando teve que esvaziar a casa de seus pais. Repleta de objetos, para um nada desnudo. A biblioteca cobrindo as quatro paredes do escritório era o bem mais apreciado por Rafael, embora certa umidade o afastasse de sua curiosidade. Os enfeites, estatuetas e pratos decorados de Limoges que enfeitavam as paredes, o mobiliário francês, cortinas translúcidas que afastavam a claridade e a lucidez somavam um conjunto difícil de reunir em outro contexto. Um container alugado veio em sua ajuda. Assim, com certo desprendimento, mas aliviado, conseguiu liberar-se de objetos cheios de significado que deveriam ser conservados. Com a ajuda de amigos e familiares, como se fosse com machados em plena selva,

1 Médico pela Faculdade de Medicina da Universidade de Buenos Aires (diploma de honra), psiquiatra formado pela Universidade de Paris XII, psicanalista, membro titular da Associação Psicanalítica Argentina, membro titular da Société Psychanalytique de Paris (1992-2019).

conseguiu esvaziá-la em três dias. Ao final, já próximo da entrega ao novo proprietário, pediu a dois carregadores, que incursionavam no *container*, que subissem e levassem diretamente vários dos objetos mais pesados. Anjos não mais da guarda, mas da des-guarda. O mais difícil foi esvaziar o armário de seus pais. Viveu isso como uma intrusão em sua intimidade. Encontrou velhas fotos de família, até mesmo de várias gerações que o haviam precedido, familiares que não lhe eram nada familiares. Uma estranheza inundou suas vivências. A cor sépia não destacava as semelhanças, mas a distância. Imagens de migrantes vindos de longe, com a perda inscrita em seus maciços corpos, variados, portadores, já consigo, da melancolia que sua mãe havia acumulado em seu olhar. Vindos de Lucca, na Toscana, retiveram suas muralhas das quais nunca ousaram sair. América, uma promessa. De quê?

Encontrou entre as cartas dos seus pais, aquelas que se enviavam antigamente pelo correio. Sua mãe havia parido em Buenos Aires enquanto seu pai estava no exterior. Seu pai o conheceu quando tinha 6 meses. Conhecer o seu pai levou anos... Olhou os selos. Sua antiga coleção de selos primou por um instante sobre o conteúdo das cartas. Um detalhe estético que lhe recordava sua primeva condição de filatelista. Um instante de cor em um dia cinza. De pronto Rafael sentiu-se um intruso, voyeur em potencial. Apesar de sua tentação (começou a ler a primeira carta), decidiu abri-las. Mas leu o suficiente para disfarçar que falavam dele como “menino”, sem nome, quase como um alienígena.

Fotos... fotos... fotos... Rafaela bebê, Rafaela no colo, durante o banho, em fraldas, comendo, risonha, carinha orgulhosa, plena de vida. Sua mãe sorrindo, olhar reluzente. Era a mãe de Rafaela. Não foi a de Rafael. Invejou sua irmã. Pensou que sorte havia tido. Não encontrou fotos de sua mãe da gravidez de Rafael.

De natureza mais frágil. Sua mãe havia sem dúvida sobrevivido a seu pai vários anos mais. Anos estéreis, sua demência a havia deixado ausente em vida. Seu corpo seguiu pulsando (gritando, ladrando), sua mente deixara de pulsar havia tempos. Não foi uma mudança radical, sua melancolia a havia tornado ausente desde que Rafael nascera. Nunca superou a morte de sua filha mais velha. Uma meningite a tinha levado aos 3 anos de idade. Rafael carregava a pesada carga de ser o segundo filho dos seus pais, o único que sobreviveu aos avatares da vida. Nas marcas de seu nome, alojava-se sem dúvida a presença de Rafaela. Uma desconhecida demasiado conhecida através do olhar de sua mãe. Um olhar que não via Rafael, mas um horizonte vazio. Rafael podia perceber o peso da presença da ausência de sua irmã em sua mãe. Interessado por fotografia, em particular de rostos, adolescente, havia percorrido durante

anos os diferentes bairros portenhos em busca de olhares expressivos. Às vezes pedia permissão a pessoas sentadas em praças, sozinhas, em casal; outras, as tirava de maneira furtiva com ajuda de um *zoom*, sempre de maneira oblíqua. É sabido que olhar de frente pode *medusar* (petrificar) mais do que um olhar para trás pode converter em estátua de sal. Escolhia em primeiro plano os rostos, não gostava de paisagens. O horizonte permanecia sempre distante.

O tabelião prosseguia imperioso sua meticulosa locução, que tinha como vantagem não perturbar suas recordações nem suas vivências. Se tivesse enviado um *pendrive* teria dado no mesmo e teria evitado seu deslocamento. A formalidade requeria, porém, sua presença e escuta, para ao menos concordar com a cabeça que não é o mesmo, mas parece igual. A voz metálica do tabelião continuava, esculpindo deduções, gastos, selados até que finalmente disse a única frase que lhe pareceu interessante: Você aceita a herança?

Rafael falou pela primeira vez. Seu tom veemente surpreendeu o tabelião, que não estava acostumado a escutar vozes altas.

Rafael disse algo assim: – Aceito os bens materiais, mas há muitos aspectos da herança de meus pais que não aceito. Em primeiro lugar, não aceito que a melancolia de minha mãe tenha avançado imperceptivelmente para mim. Às vezes, quando tenho uma visão cética da existência, temo que sejam os olhos da minha mãe que olham através dos meus.

Não me sinto nem um pouco uma pessoa triste, menos ainda melancólica, mas quem sabe, quem sabe com a idade eu possa parecer (*vir a ser*). Aceito, no entanto, sua parte da biblioteca em idioma italiano. Minha mãe frequentou durante anos a Dante Alighieri. Desde criança foi um idioma que me pareceu um brinquedo maravilhoso. Curioso do que motivava minha mãe, recorria a seus livros. Não entendia o que lia em italiano, mas meus olhos percorriam as letras com entusiasmo, sem saber o que significavam. Era um deambular por letras inquietas que se moviam com ritmo. Eu associava as músicas que minha mãe escutava: cantadas por Mina, Rita Pavone, Luigi Tenco e outros de cujos nomes não me recordo. Eu me alegrava ao escutar a voz de minha mãe quando, muito de vez em quando, as cantava. As ilustrações da *Divina comédia*, quase uma animação, uma antecipação da vida. Quando soube ler, o nome de Beatriz me encantou. Desde aquela época não busquei somente uma mulher que eu gostasse, mas uma mulher que se chamasse Beatriz. Não distinguia se com ela seria o céu, o inferno ou o purgatório. Mas não duvidava que me apaixonaria.

O tabelião escutava no compasso de seu escuro casaco marrom.

Rafael recordou que, logo ao ler em italiano, o olhar de sua mãe se transformava, e era o único momento em que se sentia visto. Ela lia italiano, e Rafael lia satisfeito seu olhar amável.

Rafaela tem sido uma presença inerte, não só na alma de minha mãe, mas nas marcas de seu nome em meu corpo. Tenho tido que ser muito macho, no sentido social do termo. Tenho praticado esportes rudes (duros), perigosos, ainda que contra o meu desejo. Alpinismo, rúgbi, esqui de competição, aeronavegação, paraquedismo. Reservado, nesse tempo, aos homens. Tive que demonstrar que havia pouco ou nada de feminilidade em meu ser, temia que o menor aspecto feminino me levasse à morte. – Não sabe quão cansativo tem sido, uma caricatura da condição masculina. Não aceito o nome que meus pais me deram. Desde criança o fui modificando até conseguir, um pouco por minha atitude agressiva nos esportes, que me chamassem de “Tigre”. É o apelido pelo qual me chamam meus amigos, me cai bem, me sinto um felino ágil e alerta, e algo se junta a isso que soa simpático: suas listras me dão um toque misto (listrado), uma pitada de loucura que me distingue de minha família.

O tabelião, surpreendido por tanta eloquência, teve a amabilidade de escutar em silêncio. Não digo atento, mas pelo menos condescendente. – A herança que me propõe – prossegue Rafael –, eu a receberia em nome de meu verdadeiro nome: Tigre. Mas não de Rafael. Quero que minha irmã falecida fique sem ser transmitida, que não pretenda ser uma lembrança que não tenho, ao final lhe daria alguns aspectos de minha mãe que lhe pertencem. Depois de tudo, que assumo tudo que provocou em sua mãe. “Quem mandou morrer de meningite? Que ambas se reencontrem no céu, que recupere a sua mãe, eu quero viver a minha que não tive.”

Atônito, o tabelião, tentou explicar-lhe que a herança era um todo que se aceita ou se recusa. Que não podia escolher aquilo que preferia, e menos ainda os traços de caráter. Para o tabelião, a herança eram bens tangíveis. O resto não era sua incumbência.

Rafael assinou a ata que o tabelião lia. Tigre se levantou sem assinar e se foi, não podia receber essa pesada herança *in totum* sem tentar uma seleção. Caminhando pela beira do mar, sentia-se mais leve. A forma que adquiriu sua alegria. Sentou-se em um café de Mar de las Pampas, bordeando a costa. Tinha apetite. O horizonte era convidativo, nunca o havia sentido tão próximo e promissor. O garçom se aproximou e lhe propôs um menu fixo a um custo acessível. Mas agregou: – Se o desejar, também há um menu à la carte. Da boca de Rafael surgiu aos borbotões uma resposta imediata – menu à la carte.